

PRIMAVERA IMPURA

1.

Não é noite de inverno ameno.

O betume amoleceu, árvores brotam
folhas como jornaleiros.

Um dia a menos em New York,

Flora já deve estar no BG.

Penso nos cavalos do Central Park,
guardados, engolindo ar.

A sala é o aprendiz de médico
abrindo um coração.

É quando você e a madrugada revezam ser noite.

2.

O céu é um cachorro azul.
Não há haiku para tanta cerejeira.
Um pequeno grupo grita com bandeiras de arco-íris.
Hoje as pessoas se ignoram com amor!
Dois esquilos circulam ocupados.
Fuçam até encontrar uma noz
mas nem comemoram.
De um galho baixo o corvo anuncia
eles são os vencedores do torneio.

3.

Eu vinha com um saco de ideias
mas o fundo cedeu, esparramou no asfalto,
vidros, parecia resto de assalto.
Fiquei sem nada.
Em casa peguei algo para o escambo
como avião antigo,
seu monomotor cercado de índios.
Ofereci um par de brincos, Flora perdoaria.
Ofereci o azul dos meus olhos, mas já tinham.

4.

Não vou até a praça
escrever embaixo do guarda-chuva.
Vou ver o Madureira x Vasco
com minha guitarra verde
na Globo Internacional.
Vou deitar na rede
e dar comida aos peixes,
vou fingir que isso é esporte
para chorar mais forte.
Mas isso tem cara de 0 x 0.
Vou trocando passes.
Close num quero-quero.

5.

O vento no meu rosto fala de poemas antigos.
Sou o barco dos imigrantes que serão meus ancestrais.
A balsa entre coisas e elas mesmas?
Jangada em rio seco, sombra de lagartixa.
Vou de caneta azul,
já bastam meus pés no chão.
Vou de caneta azul,
é preciso acreditar em alguma coisa.

6.

Atrás de mim o aquário arrulha
uma fábula: toda folha é uma fagulha.
Não somos mais livres que Biu e Eugênia.
De manhã acendo a luz, de noite apago.
Em algum momento dou comida,
eis o vulto enorme que determina as coisas.
Muita gente tem seus vultos enormes.
Eu tenho vultos pequeninos.
Nosso umbigo é apenas uma cicatriz.

7.

Aquele pombo é o narrador onisciente dessa rua.
Aperta o passo, apenas, para sair do caminho
do carro, pernas, pombos são econômicos
com as penas e é raro vê-las avulsas.
Um rato atravessa de asa-delta
a silhueta laranja do parque.
Gavião despedaça carne.
O sol vai se pondo.
Não é suave.
É suave.

8.

Mais que minha janela reconheço,
um dia cada rastro será gesso.
Estou comendo frutas como um urso, organizado.
Os passos da minha mãe soam,
reconheço como o vão dessa janela.
O arrastado seco se aproxima com novidades
ou senta na mesa do café e chora
porque o mundo impõe muitas coisas
a quem deseja poucas.